

RELAÇÃO MÃE-BEBÊ

Silvana Sacharny

"Cada um de nós, ao nascer, é a linguagem do desejo dos pais".

- Françoise Dolto

As circunstâncias em que uma nova vida se cria; a concepção, a vivência uterina e o nascimento são os primeiros indicadores do processo de desenvolvimento dessa vida.

Desde a concepção até o nascimento, o bebê está numa relação simbiótica com a mãe, nesse estado se encontram todas as potencialidades do seu "vir a ser", fixadas nos seus genes; a memória da evolução filogenética do homem e a sua constelação individual (a herança da sua ascendência direta, o patrimônio genético dos pais).

Partindo da unidade corpo-psiquê, desde a concepção de uma nova vida, não se poderá mais considerar essa nova vida à distância, mas pensar esta vida que se anuncia em todas as suas potencialidades. Representa um ser que pede para ser reconhecido, encontrado e amado.

Muito cedo, trocas importantes intra-útero se estabelecem entre a mãe e o seu bebê, a vivência no período pré-natal imprime no ser o que podemos chamar de memória sensorial.

A partir da natureza orgânica, a mulher (em condições normais) pode receber a nova vida, fazê-la amadurecer e sustentá-la afetivamente. No estado de fusão orgânica, a gestante percebe o bebê praticamente o tempo todo, porém sentir a movimentação não é suficiente para de fato estar em contato com a sua gestação. A construção da função materna se inicia nesse período, é fundamental a vivência de sua capacidade receptiva, o aprofundamento da qualidade de contato afetivo. Faz-se necessária a integração entre a disponibilidade psíquica e corporal para que a mulher possa percorrer uma trajetória ambígua de afetos, de sensações, e expandir sua consciência corporal feminina. Desta forma, as condições para um bom parto e nascimento são bastante favorecidas.

Desde as primeiras horas de vida o bebê é um ser de comunicação. O desenvolvimento do bebê, através da comunicação sensorial (auditiva, visual, olfativa, gustativa e tátil) é favorecido pela forma com que a mãe o estimula, carrega, assegura e escuta na expressão de suas necessidades, de suas mensagens. A comunicação se estabelece na origem através da linguagem corporal, a função psíquica se apóia e se desenvolve a partir da vivência corporal.

Na relação original mãe-bebê, o contato útil da mãe no bebê tem como funções: a estimulação orgânica (favorecer o deslanchar de atividades novas como a respiração, a excreção-digestão e as defesas imunológicas), a comunicação afetiva (instaura o sentimento de segurança, confiança, proteção, reconhecimento da existência) e prepara o acesso à linguagem.

Esse contato conduz o bebê, aos poucos, a diferenciar uma interface - como uma membrana - que permite a distinção do externo e do interno, trazendo a experiência de um continente. Esta vivência, no quadro de uma relação segura, garante ao bebê a integridade do seu envelope corporal.

A pele é o mais extenso órgão dos sentidos do corpo, e o sistema tátil é o primeiro sistema sensorial a se tornar funcional. Didier Anzieu nos fala sobre o "Eu-pele" baseado na importância da integridade do envelope corporal; elemento ao mesmo tempo de ordem orgânica e fantasmática, que visa a envelopar o aparelho psíquico e exerce a função de continente. Esta função é desenvolvida através de cuidados maternos, com toques investidos de afeto. A sensação-imagem da pele como um saco é estimulada através desses cuidados com o corpo do bebê, apropriados às suas demandas.

A tendência do desenvolvimento afetivo é a passagem do estado de indiferenciação ao registro da diferenciação. O bebê evolui de uma dependência absoluta em direção a uma dependência relativa, depois para a autonomia. Aos poucos, uma fronteira se cria separando o interno do externo; a integração e o sentimento de unidade se posicionam.

A relação original mãe-bebê se dá igualmente através de outros mediadores da comunicação, tais como o envelope visual (a partir do contato visual) e o envelope sonoro (a partir do "banho" de palavras, cuja tonalidade da voz materna, seu ritmo, provoca no corpo do bebê uma ressonância tônico-emocional que vai, aos poucos, preparando e estimulando a criança na sua própria expressão verbal).

A função tônica do corpo é também uma função primitiva e essencial de comunicação, de troca. O corpo do bebê, através de suas manifestações emocionais, estabelece com o ambiente que o envolve um diálogo tônico. O tônus muscular é a qualidade de tensão involuntária que expressa os diferentes afetos. O estado tônico é um modo de relação. A tonicidade ou a vivência tônica é ligada inseparavelmente à vida afetiva original do bebê, é o tecido com o qual ele se liga ao mundo e primeiro à mãe. O espaço postural do bebê se enraíza no espaço corporal da mãe. Os movimentos expressivos que traduzem conforto/desconforto, demanda/satisfação, prazer/desprazer, vão se moldar, criando um código corporal, em função das reações corporais positivas ou negativas do meio maternal.

Quando estas funções são preenchidas de forma satisfatória, o bebê se sentindo compreendido e atendido nas suas demandas, pode então construir um envelope de bem-estar, narcisicamente investido.

Setembro de 1988.

Bibliografia:

WALLOW, Henri. **Les origines du caractère chez l'enfant.** Quadrige/PUF.

L'être touché, psychothérapie et toucher. Adire n.6 avril, 1991. Revue d'Analyse Psycho-Organique

ANZIEU, Didier. **Le moi-peau.** Dunod, 1985.

MONTAGU, Ashley. **Tocar - O significado humano da pele.** Summus Editorial.